



TRANÇANDO FIOS DE SONHO-ESPERANÇA NA SALA DE AULA DE HISTÓRIA: FRAGMENTOS DA EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO DE DOCÊNCIA EM HISTÓRIA

Agatha Rolim¹

Uma série de muitas coisas aconteceram entre o início e o fim da disciplina, coisas que eu nem imaginava ocorrer – mas, afinal, os sonhos não são sempre assim? Imprevisíveis e difíceis de narrar?

Eu sempre fui uma sonhadora, em todos os sentidos. Para mim, sempre houve uma diferença entre os sonhos como objetivos e os sonhos como experiências oníricas – até que ambos se misturaram e eu passei a enxergar potência utópica nos dois. Durante o estágio, eu sonhava muito. Talvez porque ele estivesse acontecendo ao mesmo tempo que tantas outras coisas importantes na minha vida. A década dos vinte é realmente a da mudança.

Recebi a notícia da minha aprovação no Programa Caminhos Americanos-edição Cabo-Verde, dentro da sala de aula, durante a observação em um dia chuvoso. Meus alunos acabaram descobrindo junto com minha mãe sobre minha aprovação. Também descobriram e ficaram chocados com o fato de que Cabo-Verde ficava no continente africano e que também se falava português.

Não sei ao certo como a maioria dos sonhos começa, mas os meus sempre começavam no mar. Estou parada no que parece ser um píer ou um porto, de frente para o mar azul. O céu está claro, o vento forte com cheiro de maresia balança minhas roupas. Estou sozinha, sem nada no horizonte além do mar quebrando com violência contra as pedras. Não vejo areia – apenas pedregulhos onde as ondas se desfazem. Olho ao redor, como se procurasse algo, mas não há nada. Apenas eu e o mar. Então, uma voz ecoa da superfície do mundo real: “Vida, tá na hora”. Abro os olhos para o teto branco

¹ Graduanda do curso de história da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Agathasilvarolim@gmail.com

salpicado. Ainda não sei o que tem no mar, mas preciso descobrir como ser professora – e rápido.

Talvez minha aula começasse no guarda-roupa. Sempre pensava nos looks para minhas aulas. Uma vez ouvi, na oficina de turbantes ministrada no UNIAFRO pela doutoranda Priscila Nunes, que a estética de uma professora negra importa para seus alunos. A estética sempre importou para mim, então eles recebiam meus melhores looks da semana, mesmo que as chuvas intermináveis de setembro ou o calor que chegou nos meses seguintes pareciam tentar atrapalhar minha tentativa de chegar à escola sem estar molhada, fosse de chuva ou suor.

A escola, localizada no bairro Passo das Pedras, ou “Pedrinha”, como meus alunos chamam carinhosamente, ficava no bairro vizinho ao da minha residência. O trajeto era curto: alguns minutos de ônibus e uma caminhada – ou corridas de Uber quando me atrasava, o que não era raro. Sobre os atrasos, prefiro acreditar que meu corpo está desacostumado às percepções coloniais de tempo. Talvez eu viva em outro tempo.

Como a vida é tão imprevisível quanto os sonhos, nada do meu planejamento inicial aconteceu como eu imaginava. O que não me limitou de entender o quanto os planejamentos são importantes, realmente não se constrói uma luta política sem planejar suas estratégias, e fica de aprendizado o que falhou e o que eles amaram. Mesmo que nem a escolha da escola, nem o conteúdo que pensei em ministrar estivessem no meu plano inicial, eu aprendi a navegar para onde as ondas haviam me jogado. Meus primeiros momentos foram marcados pela chuva: da reunião com o professor Rodrigo à minha primeira aula, parecia que o céu escolheu chorar todas as terças e sextas. O que resultou com que eu não conhecesse todos os alunos quando assumi a turma. Apesar disso, durante o período de observação eles confiaram em mim para contar suas dificuldades, seus objetivos, suas alegrias, suas dores e suas tristezas e ao longo daqueles quase três meses eu me vi neles e alguns, possivelmente enxergaram em mim um reflexo de um futuro com o qual sonhavam – um amor sem barreiras ou padrões. Eu entendia eles quando você tem 14 ou 15 anos, parece que seus sonhos nunca vão se

realizar, que nunca vai assistir dorama na sexta a noite com o seu companheiro que é uma pessoa trans masculina no seu apartamento, longe dos sons dos tiros e dos olhares de ódio, ninguém te diz que existe vida, pacata e banal sendo exatamente quem você é. Eu precisei mostrar que tínhamos combinado de não morrer quando a ordem do dia era a nossa destruição. E exatamente por isso eu não escondi meu corpo de mulher negra, bissexual e não-monogâmica. Sentia como se carregasse uma bandeira tremulante nas minhas costas, junto do alvo que sempre esteve lá, mas a mensagem ainda era nítida: “Existe vida e futuro sendo exatamente quem você é”. Não estava disposta a me esconder, e não desejava jamais que eles o fizessem.

Mas, afinal, existe sonho na aula de história? A primeira coisa que estipulei era que o sonho era uma das bases da minha sala, um dos sentidos mínimos das minhas aulas de história para além do antifascismo, do anticapitalismo e do antirracismo (PEREIRA; PACIEVITCH, 2024), sendo o sonho uma maneira de se posicionar contra a barbárie do capitalismo, do racismo e da crescente onda fascista. Perguntei a eles na primeira aula: “O que havia na aula de história?” Eles responderam uma série de coisas (texto, passado, pessoas), e quando perguntei se havia sonhos, a resposta foi unânime: sim. Mas logo me questionaram: e o lugar dos pesadelos? Não soube responder. Onde habitam os pesadelos? Embaixo das camas? Nos banheiros binários? Nos nomes impronunciáveis? Nas viaturas policiais? Na ascensão de políticos que pregam nossa inexistência? Na crescente impossibilidade de viver em um mundo que explora tudo e a todos? Na desigualdade, na pobreza e na fome crescentes? No fanatismo religioso? Ou nas crenças que nos aprisionam? Onde residem os bichos-papões? E como nos livramos deles? Serão os pesadelos a expressão daquilo que não conseguimos narrar à luz do dia? Ou eles estão sempre à espreita, esperando ali na esquina para roubar nossos últimos fios de sonho-esperança e vida?

Aqui era preciso não se deixar aprisionar pelo medo, é necessário enfrentar os desafios (os pesadelos) com coragem e ação coletiva, usando a esperança como uma força transformadora, portanto juntos encontramos definições para os sonhos, jeitos de

navegar na direção do futuro que queremos, sem permitir que os pesadelos roubassem nossos sonhos.

A sala de aula foi palco de sonhos e pesadelos dos mais diversos atores, enquanto passamos pelo período da ditadura civil-militar e a constituinte, eles sabiam que haviam sido sonhados e que para mim não sonhar ou não acreditar em seus sonhos não era uma opção. Havia caos, barulho e cacofonia, mas também fios de sonho-esperança dançando por entre a poeira e a luz do sol. Agarrei-me a estes fios com todas as minhas forças para nadar entre minhas próprias inseguranças.

Eles não eram meu sonho. Eu estava na verdade inicialmente desesperada para pular de fase. Meu sonho-objetivo é ser professora universitária, no ensino superior, não na educação básica. Quando comecei, tudo parecia um meio para um fim. Algo pelo qual eu precisava passar para me aproximar um pouco mais da linha de chegada, porém as coisas mudaram ao longo do caminho.

Essa jornada pareceu tão longa e, ao mesmo tempo, tão curta. Mais uma vez mostrando que eu talvez viva no tempo do sonho e não no tempo do relógio. Dei tantas voltas ao redor de mim mesma, sem enxergar nada – como o eu do sonho fazia. Fui, voltei, me perdi e tive de me reencontrar e me reencantar para entender que ali, na sala de aula, se produzia vida nos detalhes. Nos fios de sonho-esperança que vi desde o início – cada um deles um pequeno grande ser ao qual eu precisava respeitar, com seus tempos e momentos.

Achei que a educação básica não era o meu lugar, como se por excelência eu não tivesse jeito para a coisa, eu não poderia estar mais errada, não era uma questão de jeito, eu não tinha um dom para ensinar, eu deveria aprender diariamente a ensinar. Achei que apenas sendo professora universitária, eu causaria um impacto real, eu estava errada novamente, eu mudava as coisas, eu também colabora com o fortalecimento daqueles fios aos quais eu havia me agarrado e passei a compreender isso em três momentos; Quando realizei a oficina de poesia com a turma 92, quando os entreguei as respostas de suas cartas dos sonhos e, finalmente, na formatura.

No dia da realização da oficina, havia sido um dia difícil tanto para mim quanto para o Rodrigo. Então, depois das explicações teóricas e da parte da escrita, eles passaram a declamar seus poemas, e ali eu vi as tranças desse fio de esperança sendo fortalecidas, alimentadas por suas palavras tanto quanto eram pelas minhas. Eu falei tanto sobre os usos da nossa raiva (Lorde, 2019), e eles a usaram: uma raiva ancestral potencialmente desaguada de mim e deles. Essa raiva não poderia ser contida ou silenciada, e não deveria ser. Essa raiva também era responsável por fortificar os fios de sonho-esperança, por não nos deixar esquecer jamais que educar era uma troca política e selar os acordos que não permitiriam nossa morte.

O segundo momento foi a entrega das respostas às cartas dos sonhos. No início do meu tempo com eles, haviam escrito cartas para si mesmos depois de realizarem seus maiores sonhos. Nessas cartas, além de falarem sobre seus sonhos-objetivos, eles também descreveram como eles próprios, o mundo e as suas relações poderiam estar, como gostariam que estivessem. Era um exercício de imaginação e de esperança. A ideia da atividade surgiu porque, quando cheguei às turmas, a principal queixa era que eles eram distópicos, que não sabiam sonhar. Quando peguei as cartas deles, tinha exatamente a prova do contrário: eles sonhavam, e muito. Sonhavam com um mundo melhor, capaz de comportá-los e de comportar as pessoas que amavam. Mas alguém já havia verdadeiramente reafirmado esse direito? Já havia fincado os pés sobre o direito e a capacidade deles de sonhar? Sobre a possibilidade de crer naquilo não como irrealizável, mas como força impulsionadora de vida em direção ao futuro e à realização desses sonhos? Pois eu, enquanto escrevia a resposta, tentei deixar essas questões muito bem escurecidas. Compreendi que reencantar o mundo era uma ética que floresceria na minha sala de aula. Era preciso entender que os sonhos e as relações são bens comuns que precisamos proteger da lógica destruidora e mortífera do capitalismo crescente, neoliberal e ultraconservador.

O último momento foi a formatura e meu retorno para vê-los uma última vez. Esse encontro, para mim, foi marcado pelo mesmo símbolo que estava estampado na roupa que escolhi usar (eu disse que estética era importante). Sankofa, um dos mais



conhecidos símbolos adinkras, representado por um coração estilizado ou por uma ave com a cabeça virada para trás com um ovo no bico. Um dos significados atribuídos a ele vem de um provérbio, possivelmente de origem na África Ocidental: “Não é tabu voltar atrás e buscar o que esqueceu”. Nas páginas finais do livro *Perder a mãe: uma jornada pela rota atlântica da escravidão*, Saidiya escuta uma música infantil que diz: “Venha, criança, retorne”. Eu cruzei o Atlântico, encarei o mar e continuei sem respostas, até ver meus alunos se formando, até completar um círculo, até ser abraçada por eles, comemorar, rir e chorar com eles.

Eu sou uma estrangeira, eu não tenho morada fixa. Tenho tanto medo e raiva quanto tenho de sonhos, e nem sempre é fácil instrumentalizá-los. Mas não posso me engasgar no silêncio (Lorde, 2019). Meu silêncio não vai me salvar, nem alimentar ou fortalecer aqueles fios. Eu não estou sozinha; ensinar não é algo que se faça só. Nós estamos no mesmo mar (eu disse mesmo mar e não mesmo barco; o mar é o mesmo, mas tem locais diferentes, buracos e pedras diversas, dependendo de que parte dele você se encontra). Precisamos aprender a nadar juntos, contando nossos sonhos, que carregam em si nossos pequenos truques e segredos de sobrevivência. Se existe algum jeito de reencantar o mundo, é assim: na sala de aula, em todas elas, não apenas nas do ensino básico ou do ensino superior. Eu não preciso avançar as casas e chegar logo na linha de chegada. Eu não preciso que a jornada seja sofrida. Eu posso aprender com eles, e sempre posso voltar, afinal não é tabu retornar para buscar aquilo que eu possa ter esquecido.

Referências

FEDERICI, Sílvia. **Reencantando o mundo: feminismo e a política dos commons**. São Paulo: Elefante, 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 13ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.



HARTMAN, Saidiya. **Perder a mãe:** uma jornada pela rota atlântica da escravidão. São Paulo: Bazar do Tempo, 2021.

LIMUJA, Hanna. **O desejo dos outros:** uma etnografia do sonho Yanomami. São Paulo: Editora Ubu, 2023.

LORDE, Audre. **Irmã Outsider:** ensaios e discursos. São Paulo: Autêntica, 2019.

PEREIRA, Nilton Mullet; PACIEVITCH, Caroline. Os sentidos mínimos da aula de História: o anticapitalismo. In: **Café História**. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/os-sentidos-minimos-da-sala-de-aula-o-anticapitalismo/>. Publicado em: 22 jan. 2024. ISSN: 2674-5917.